

LITERATURA REGIONAL EM TEMPOS DE DITADURA: O CONCEITO DE REGIÃO NO LIVRO “O HOMEM VERMELHO”.

Luciana de Mello Battini¹; Cecília de Lima Affine²

Resumo: A região para a geografia é um conceito extremamente complexo, pois é um instrumento de ação política e está em constante transformação de acordo com os interesses hegemônicos do contexto social vigente. Com isso, a região contribui e influencia no processo de espacialização. Busca-se nesse artigo mostrar como a estética, a escrita e a organização do livro “O Homem Vermelho” de Domingos Pellegrini e principalmente o olhar sobre a região, que é carregado de ideologias, foi influenciada pela repressão vivida na ditadura militar, época em que o livro foi escrito e publicado. Esse trabalho tem como objetivos analisar os contos: “Carlitos perdeu a graça” e “A maior ponte do mundo”, presentes no livro “O homem vermelho” de Domingos Pellegrini e trazer à tona os elementos do conceito de região da Geografia Humanista presentes nos contos e os relatos do espaço vivido dos personagens.

Palavras-Chave: Geografia Humanista; Contos; Ditadura Militar.

INTRODUÇÃO

O conceito de região nos últimos tempos vem perdendo espaço na geografia em função da ascensão do território em tempos de Globalização. A geografia atual tenta superar o conceito provindo do senso comum e também desvincular-se do conceito de outras ciências, como as ciências sociais por exemplo. Além disso, a região para a geografia é um conceito extremamente complexo, pois é um instrumento de ação política. Para Bezzi (2004) a região é utilizada para mecanismos de dominação, fruto sempre de uma situação de hegemonia. Os espaços diferenciados que criam vínculos, submetidos a uma dinâmica comum, são derivados de uma prática hegemônica.

A ciência, como processo que é, vive da renovação de seus paradigmas, de suas teorias, de seus conceitos através da influência das relações de poder, suas verdades estão em constante fluidez. Com isso, contribui e influencia no processo de espacialização e vice versa, cria-se então um processo dialético entre conceito e ordenação espacial. Portanto, para entender o conceito de região predominante não só na geografia, mas em todas as esferas da ciência e da arte, como é o caso da literatura que vamos trabalhar nesse artigo, é necessário uma análise do contexto histórico e do ordenamento espacial vigente na época na qual viveu o autor e que nosso livro analisado foi escrito.

Em sua juventude, Domingos Pellegrini assume uma ideologia de oposição contra o autoritarismo político que está estabelecido no Brasil na década de 70, e junto de outros autores passa a utilizar das entrelinhas dentro da vertente dos romances-reportagem, onde utiliza dos depoimentos e da literatura-verdade como recurso, relatando histórias e estórias de pessoas desfavorecidas e marginalizadas,

¹ Graduanda em Geografia, UEL, E-mail: lucibattini@gmail.com

² Graduanda em Geografia, UEL, E-mail: ceciliaaffine@gmail.com

numa forma de militância (GREGÓRIO, 1989). Com seus contos, denuncia as imposições sofridas pelo país, relatando temas da atualidade brasileira, numa forma jornalística disfarçada pela literatura. Isso tudo devido a opressão em cima da liberdade de expressão em toda a produção cultural brasileira, consequência do regime político de 64 e adição do AI- 5. Neste período, Pellegrini constrói suas marcas na forma de escrever. Sua ficção é realista, onde o narrador transcreve histórias por ele escutadas em sua vivência.

Um último aspecto encontrado em seus textos, é sua linguagem bivocal que se alterna, dando a ideia de que a linguagem é um produto social, numa tentativa de unir socialmente aquele que vive aquela realidade, e aquele que não tem contato com ela.

Seus temas possuem cunho regionalista, onde narra os momentos de desbravamento e colonização, principalmente do Norte do Paraná, segundo histórias por ele escutadas, por aqueles que participaram deste momento, são os personagens: viajantes à beira de estradas, recolhendo impressões de prostíbulos, motoristas de caminhão, eletricitas, cantadores de rancherias, peões, entre outras personalidades (GREGÓRIO, 1989).

Seu primeiro livro publicado foi *O Homem Vermelho* (1977), abordando temas rurais e urbanos destes personagens, desenvolvendo significados universais, lembrando que aquele que o lê o interpreta do seu modo. Os temas advêm não só de contos por ele escutado, mas também por vivência própria, principalmente aquelas em que ele junto de sua mãe passava nas estradas do interior do Paraná (GREGÓRIO, 1989).

A obra é escrita durante os anos 70, período em que a política brasileira sofre intervenção militar e passa por um regime militar, através de Atos Institucionais a qual censuravam, faziam perseguições políticas, não havia democracia e perseguiram aqueles que eram contrários ao regime militar (GREGÓRIO, 1989). Sendo assim fazia com que as obras fossem reclusas devido a repressão militar que faz com que as produções intelectuais, culturais, cinematográficas e outras formas de expressão sejam reprimidas diante do cenário político em questão no Brasil, fazendo com que os autores dessa época usassem de artimanhas para que o público conseguisse entender a mensagem a qual quisesse passar. Pellegrini usa-se das entrelinhas dos seus contos para escancarar as verdades sem ser hostilizado pela censura política da época e ir contra o regime militar, fazendo com que suas ações sejam uma forma de militância contra o sistema vigente. O autor faz com que o leitor entre em contato e tenha consciência da realidade vivida dos personagens.

Busca-se nesse artigo mostrar como a estética, a escrita e a organização do livro e principalmente o olhar sobre a região que é carregado de ideologias, foi influenciada pela repressão vivida na ditadura militar. Esse trabalho tem como objetivos analisar os contos “Carlitos perdeu a graça” e “A maior ponte do mundo” presentes no livro “O homem vermelho” de Domingos Pellegrini e trazer à tona os elementos do conceito de região da Geografia Humanista presentes nos contos e os relatos do espaço vivido dos personagens. É de extrema relevância essa pesquisa, pois, muito mais que as teorias elaboradas pela

ciência, a literatura contribui para o avanço na interpretação do real e está presente em todas as sociedades. Segundo Candido (2001) a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, sendo proposto como equipamento intelectual e afetivo. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente artigo tem como metodologia a análise documental do livro “O homem vermelho” de Domingos Pellegrini, na qual os contos “Carlitos perdeu a graça” e “A maior ponte do mundo” serão estudados com mais profundidade para que se compreenda os fundamentos do conceito de região da Geografia Humanista presente.

Inicialmente, foi feita uma leitura do livro à procura do conceito de região presente na obra, após observada a necessidade da análise da temporalidade da obra, foi pesquisado o contexto histórico na qual se insere o autor e o livro e também as intencionalidades presentes nas entrelinhas da obra. Para melhor compreensão desses fatores manifestados na estética literária, o autor CANDIDO (2001) foi esclarecedor quando se diz respeito à denuncia social presente na literatura e seu poder humanizador. Para além disso, para trabalhar o fator espacialidade foi feita uma pesquisa bibliográfica para apreender o olhar geográfico presente na literatura e a literatura regional como instrumento de análise do espaço vivido que foram elucidados pelos autores ANTONELLO (2005) e REICHWALD, (2003). Sobre os conceitos de região e região da Geografia Humanista encontrado no livro, os principais autores utilizados são BEZZI (2004) e TUAN (1980).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O olhar geográfico sobre a literatura e a região como instrumento de análise do espaço vivido.

O movimento de mudanças na ciência geográfica a partir dos anos 60 e 70 do século passado têm trazido novas perspectivas para o pensar e fazer geográfico que está diretamente ligado às influências do tempo histórico.

No movimento de mudança sofrida nesse tempo histórico, o fazer geográfico passa a buscar se desenvolver via o diálogo com outros saberes, isto é, “... ler a geografia com base em textos variados das diferentes ciências, da mídia, do imaginário popular, etc é algo enfatizado com as mudanças dos anos 80 em especial”. (REICHWALD, 2003, p.69).

Nesse sentido, surge a literatura como potencial para superação das limitações da geografia pautada apenas no saber científico. A literatura vai além e torna a ciência geográfica mais competente a partir do momento em que aproxima a geografia à complexidade do mundo, como um diferente ponto de vista para a análise desse mundo, trazendo um saber mais rico e completo. Para Antonello (2005) considera-se que o texto literário ao se apresentar como uma reelaboração da realidade se constitui em um potencial para apreensão da produção espacial ao permitir a compreensão das relações socio-espaciais tanto no plano do pensamento objetivo/racional como no plano da subjetividade. Aflora-se então, através da literatura que permite a apreensão da produção espacial, o olhar geográfico, embutido nas vivências dos personagens.

A autora em seu artigo traz um esquema a respeito do olhar geográfico e como ele se manifesta na literatura por meio da temporalidade (contexto histórico), que se manifestam a economia, política, relação de produção e cultura que culmina numa produção do espaço, as espacialidades se transformam por meio dos relatos do lugar.

Figura 1: O olhar geográfico sobre o texto literário



Fonte: (ANTONELLO, 2005, p. 9)

Reichwald (2003) traz uma discussão sobre a literatura como esclarecedora dos contextos do lugar que oferece a apreensão de uma interpretação abstrata para o entendimento do contexto de outras escalas, como a regional e a global.

Pode-se tomar a obra literária como um dos subsídios para entender os contextos do lugar (espaço que dá identidade ao sujeito) e as interações que este espaço tem com outras partes do país e do mundo (relação de escala). As tramas literárias representam a pessoa “comum” seus

tramas (política, cultura e economia) e seus espaços cotidianos (o lugar). (REICHWALD, 2003, p.71).

A partir dessas abstrações de fatores sociais, econômicos e socio-ambientais, a visão dos geógrafos das obras literárias direcionam os seus olhares para o espaço, entretanto, cada qual se volta para as categorias de análise da geografia.

Como produto de análise, entre os conceitos e categorias da geografia, temos o conceito de região que se torna complexo, pois é instrumento de dominação e se dinamiza com o contexto presente nas temporalidades.

O conceito de região da Geografia Humanista trabalhado nesse artigo é menos predominante nos estudos sobre região, pois não teve tanta adesão por parte dos geógrafos e considera que, nas relações sociais, a cultura é o objeto principal das abordagens regionais. É interessante destacar que, o método utilizado na geografia Humanista é a fenomenologia, e a região por meio desse método inaugura um “novo olhar” sobre as relações que estão contidas nesse conceito. Para Bezzi (2004), para compreender o conceito de região para a Geografia Humanista:

(...) é necessário ter como parâmetro a identidade cultural, que se constitui na segunda forma de entender a região na vertente do seu conceito atual. Portanto, o sentido de região, nessa abordagem, está vinculado ao de lugar. E o lugar, por sua vez, é constituído de indivíduos que habitam ou habitaram seus espaços e que, por conseguinte, imprimiram neles sua cultura. Dessa forma, a identidade cultural coloca novamente os seres humanos como atores na produção e reprodução da vida social e dos lugares. (BEZZI, 2004, p. 62)

Ela é apropriada e vivida por seus habitantes, o espaço fornece a identidade cultural dessas pessoas que influencia no olhar e fazer geográfico.

Dessa forma, a Geografia humanístico-cultural procura analisar de que modo os fatores culturais e a percepção interferem nas ações de organização e de elaboração do espaço geográfico e, também, nos recortes regionais (BEZZI, 2004, p.63). Portanto, o espaço vivido dos habitantes se torna o objeto principal de estudo do geógrafo que se utiliza da fenomenologia e é responsável pela produção e transformação do espaço.

Para Tuan (1980), a Geografia Humanística tem como objetivo fundamental refletir acerca dos fenômenos geográficos, com o intuito de proporcionar melhor entendimento do homem e de sua condição. No entanto, o comportamento geográfico é levado em consideração, junto com os sentimentos e ideias a respeito do espaço e lugar.

Nesse sentido, Tuan (1980) afirma que as atitudes humanas, quanto ao seu território e lugar, são semelhantes a dos animais, que defendem seu espaço vital contra os intrusos. Dessa forma, segundo Bezzi (2004) o ser humano se faz agente da organização de determinada porção da superfície terrestre, graças, basicamente, ao papel da emoção e do pensamento, principais elos de ligação entre o homem e um certo espaço.

Assim, para cada indivíduo ou grupo humano, existe uma visão do mundo que se expressa através de suas atitudes e valores para com o meio ambiente. Essas preocupações, segundo Christofolletti

(1982 apud Bezzi, 2004, p. 63), resgatam duas noções básicas da Geografia, ou seja, fornecem novos significados ao espaço e lugar.

Análise dos contos: “Carlitos perdeu a graça” e “A maior ponte do mundo”.

Podemos analisar a existência da corrente fenomenológica na obra, partindo do espaço vivido pelo autor e pelos relatores de história que colaboram para a confecção desta obra, também a experiência vivida pelo autor que é notória devido à temporalidade em que ele vive, fazendo com que os fatores provindos desse período faz com que use sua vivência uma ferramenta para transpassar a realidade em questão e também a experiência interior o olhar do autor sobre a espacialidade do objeto a ser pesquisado pelo autor.

Em função dos aspectos idealistas de Domingos Pellegrini, e o olhar geográfico sobre a obra “O Homem Vermelho”, é possível observar o interesse do autor em narrar pessoas desfavorecidas dentro do sistema as quais estão inseridas. Procurando dar voz a estas pessoas, que não são escutadas, até que se compreenda um conflito. Essas pessoas desfavorecidas atuam em sua temporalidade e produzem espaço.

Começamos a nossa análise pelo conto “Carlitos perdeu a graça”. Esse conto se inicia com o reencontro por acaso no ônibus de dois amigos da época do colégio que agora, cada um está com uma carreira e afazeres da vida diferentes, o narrador e um dos personagens é um poeta, imprime poemas por conta própria para ajudar na renda familiar e sonha entrar na academia de letras estadual. O segundo amigo é o Barbosa, que mexe com apartamentos. No primeiro encontro eles trocaram conversa fiada e o Barbosa entrega ao narrador um cartão do local de onde trabalha.

Em seguida, se encontram novamente por acaso, no elevador, Barbosa estava levando um sujeito para ver um apartamento. Estavam falando de azulejos, armários embutidos e coisas de apartamento. De tarde o narrador encontra Barbosa no cinema, pois ir ao cinema é um hábito do narrador quando ele vende duas geladeiras. Sentaram juntos para ver o Carlitos, riram a vontade, depois saíram na claridade da rua.

Nesse trecho, já podemos inferir várias questões. Pellegrini não cita no conto quem é Carlitos, nem os personagens comentam sobre a origem do autor. Carlitos trata-se de Charlie Chaplin, um cineasta, ator, compositor, entre outras coisas, que no Brasil ficou conhecido como Carlitos.

Charlie Chaplin teve uma infância difícil na Inglaterra, e em função disso, retratava histórias de pessoas desfavorecidas. Seus filmes trazem enfadonhas críticas sobre o momento político em que viveu. Os clássicos “O ditador” e “Tempos modernos”, trazem críticas sobre o nazismo e a alienação no capitalismo, respectivamente, porém, os filmes são do gênero comédia.

É notório a influência do primeiro filme assistido no olhar geográfico dos personagens, quando eles saem do cinema e se sentem diferentes:

Ficamos na esquina vendo o movimento, como dois marcianos, achando tudo estranho. Gente com pressa, um cotovelando o outro, vendedores com pasta suada debaixo do braço (como eu), contínuos, bilheteiros, balconistas de loja agarrando cliente na calçada - Vamos entrar, madame, faça o favor cavalheiro, é a liquidação, conheça nosso crediário. Fiquei olhando aquilo como se eu nunca tivesse visto, mas sabendo que logo eu ia entrar no cordão, sair andando pra cima e pra baixo, feito um boneco. (PELLEGRINI, 1977, p.81).

Em seguida, o personagem narrador, procura o cartão do amigo para chama-lo para assistir “O circo” de Carlitos, mas Barbosa não disse que sim, nem que não, mas acabou aparecendo no cinema, tornaram a rir à vontade com o filme, depois saíram de novo na claridade da rua, ficaram um tempo parados na rua, como dois marcianos.

Eles observam as pessoas, observaram uma família pedindo esmola, suas situações entristecedoras, observaram a construção de um prédio que deixava a passagem da rua estreita.

Barbosa falou alguma coisa sobre reforma agrária. Lembrei de quando a gente discutia isso no tempo de estudante, foi me dano uma espécie de remorso, um sentimento de inutilidade, acho que é normal em quem sai de cinema à tarde. A família passou mas o fedor de urina ficou, o Barbosa falou É tudo uma merda. Eu concordei, e cada um foi pro seu lado. (PELLEGRINI, 1977, p.82).

É interessante como o filme causa um impacto imensurável no olhar e nos sentimentos dos personagens, que saem do cinema se sentindo “marcianos”. O leitor pode interpretar de várias formas o que o autor passa nas entrelinhas. Ser marciano pode significar ser uma pessoa que não se sente adequada ao mundo que se constrói, as ideologias, os pensamentos e a forma como ela se manifesta no espaço geográfico. O próprio Barbosa, que vendia apartamentos, entra numa contradição ao criticar o prédio sendo construído, tendo em vista que ele vende apartamentos. O sentimento de remorso e inutilidade toma conta dos dois pois conseguem associar o que foi visto no filme com o que enxergam na rua.

Depois de dois meses o personagem narrador, da qual o autor não cita o nome, liga para Barbosa e o chama para o cinema novamente, Barbosa aparece com um molho de chaves de apartamentos que mostra a seus clientes. O filme era “A corrida do Ouro”, riram tanto que os outros que estavam no cinema se sentiram incomodados.

Quanto mais a gente ria lá dentro, mais marciano se sentia depois na rua. Fiquei mastigando amendoim com aquele sentimento da última vez, remorso, sei lá do que, e inutilidade, não sei porquê. Barbosa apontou num muro, no outro lado da rua, umas letras pixadas com spray. Era a palavra liberdade faltando três letras [...] Falei Vamos embora, mas o Barbosa perguntou se eu me lembrava da frase toda. Falei Não faço ideia. Liberdade para os estudantes presos, ele falou. Você devia lembrar, foi a gente mesmo quem escreveu. (PELLEGRINI, 1977, p.83)

Nesse trecho, as entrelinhas nos mostram como eles se sentiam incomodados com tudo que acontecia. Cada vez mais, o sentimento de remorso imperava e a lembrança de épocas passadas. Estariam eles insatisfeitos com si próprios por não mais pensar e agir criticamente como faziam na juventude? Seria um remorso por não mais combater as injustiças? O tempo histórico não é citado de forma direta

nesse conto, mas interpreta-se um contexto de autoritarismo político. Foram para casa e se encontraram novamente no filme “Tempos Modernos”.

Na saída do filme encontraram uma aglomeração:

Perguntei o que era e disseram que um pedreiro tinha caído do prédio. Quando vimos o corpo, eu ainda estava meio tonto da claridade, fiquei olhando o homem arrebitado, miolo espirrado na calçada, osso furando a pele. Então o Barbosa falou bem calmo que aquilo era uma pouca vergonha, o prédio não tinha andaimes de segurança.(...) Uma pouca vergonha, Barbosa repetiu como um marciano(...) Essas tábuas estão podres, falou, termina um prédio, começa outro, sempre as mesmas tábuas pra fazer andaime, elevador, o caralho. Quando falou caralho, o cara perguntou quem era ele, e Barbosa respondeu, sem se alterar, sou um grande filho duma puta, é gente filha da puta como eu que vende apartamento(...) Até que falou capitalismo, porque o capitalismo é essa merda mesmo, uma coisa mais ou menos assim. (PELLEGRINI, 1977, p.85,85)

Essa situação demonstra bem a crítica que o autor tenta transmitir e a transformação do olhar geográfico dos personagens pelo filme com a indignação sofrida pela morte do homem. Barbosa cita o modo de produção capitalista.

Com relação ao conceito de região da geografia humanista presente no Conto, vemos em todos os momentos quando o personagem principal relata seu espaço vivido e as transformações sofridas em sua percepção. "Quanto mais a gente ria lá dentro, mais marciano se sentia depois na rua" (PELLEGRINI, 1977, p.83), é um exemplo de trecho que retrata essas transformações, ao longo do conto, o comportamento geográfico dos personagens se modifica, junto com os sentimentos e ideias a respeito do espaço e lugar.

O próximo conto analisado é “A maior ponte do mundo”. A história, narrada em primeira pessoa, começa com o personagem narrador contando suas experiências quando solteiro na construção de barragens. “Só precisava assinar um papel, nunca esquecer de ter sempre um capacete na cabeça, bota de borracha no pé e o resto a Companhia dizia o que eu devia fazer. Terminando uma barragem, me mandavam pra outra e a vida ia sendo uma coisa sem fim nem começo. (PELLEGRINI, 1997, p. 99).

Segundo o personagem narrador, o alojamento dos barrageiros é catinguento, um joga cabelo no chão, outro gospe, outro deixa toalha úmida no boliche e janela sempre fechada. Entra nesse alojamento um cara de macacão amarelo e leva o empregados para comer à vontade em uma churrascaria, compraram cerveja para os funcionários e levaram-lhes para uma casa com mulheres.

O conto mostra bem como o passeio foi bom para os trabalhadores, como desfrutaram de cada detalhe como se fosse a última vez. No entanto o narrador desconfia de tanta regalia:

Os caras pagavam até mulher pra nós- A troco de que? A perua entrando em curva a 100 por hora. De repente dava pressa nos homens, depois de tanto perder tempo(...) Os homens tinham ordem de entupir a gente de bebida, fazer cada um dar sua bombada, comer carne quente até quadrar, tudo aquilo, pra depois ninguém reclamar folga. (PELLEGRINI, 1977, p. 103)

Dessa vez, os trabalhadores iam trabalhar numa tal ponte “Aquilo é uma ponte que você, na cabeça dela, não enxerga o rabo. Me disseram depois que é a maior mundo, mas eu adivinhei na hora que vi; a maior ponte do mundo” (PELLEGRINI, 1977, p.104). Faltava um mês para a inauguração e a ponte

fervia de trabalhadores pra cima e pra baixo, entre eles, engenheiros, serralheiros, peão bate estaca, mestre de obras, entre outros. Porém, sobrava serviço e faltava gente pra tanto trabalho.

Volta e meia aparecia algum visitante de terno e gravata, capacete novinho na cabeça, tropeçando em tudo e fazendo perguntas. Um chegou pra mim um dia e perguntou se eu não estava orgulhoso de trabalhar na maior ponte do mundo. eu respondi Não sabia que é a maior ponte do mundo, chefe, pra mim é só uma ponte. Mas ele insistiu Pois saiba que é a maior ponte do mundo, e trabalhar nela é um privilégio para todos nós. Aí eu perguntei nós quem? O senhor trabalha no quê aqui? (PELLEGRINI, 1977, p. 104).

Um detalhe importante, é que a ponte que estava sendo construída no contexto da história é a ponte Rio- Niterói. Nada mais se fala no conto sobre a história da ponte, mas na realidade foi iniciada sua construção no ano de 1969 e inaugurada em 1974 no governo militar.

O narrador da história, ao longo do conto, vai contando as injustiças sofridas pelos trabalhadores, a precarização do trabalho e o estado físico e psicológico dos personagens que trabalhavam na ponte. O relato do espaço vivido é muito intenso onde a paisagem se modifica, o espaço se transforma com a construção da ponte e a percepção dos personagens também, com as situações vividas no dia-a-dia.

Hora extra paga em triplo, todo mundo emendado direto, dezoito, vinte, vinte e quatro horas de alicate na mão, e os homens piando no teu ouvido. (...) Um dos que foi comigo, o Arnaldo, no sétimo dia já caiu debruçado de sono, ficou dormindo com a boca quase no bocal de um cabo de alta tensão, saiu da ponte direto para o hospital, não voltou mais, acho que foi despedido, não sei. Um paraibano aprendiz, que trabalhava cantando, nem sei o nome que o bicho tinha, esse caiu de quatro metros em cima numa laje, uma ponta de ferro da concretagem entrou um palmo na coxa do homem, foi levado sangrando demais. (PELLEGRINI, 1977, p. 105)

Uma situação que mostra a falta de humanidade com que eram tratados os trabalhadores é quando um homem morre eletrocutado num cabo de alta tensão. A preocupação maior dos chefes é sobre quem tinha deixado um cabo ativado daquele jeito no chão e não com a vida do trabalhador: “enrolaram o defunto num cobertor e mete a pua, tem só uma semana, pessoal. (PELLEGRINI, 1977, p. 106).

Após alguns dias de trabalho e revoltados com a situação, pois mal dava tempo de cuidar da higiene pessoal, o personagem-narrador e 50 volts, um colega de trabalho, resolvem desistir do trabalho e pedir as contas. “Não sou bicho pra trabalhar sem parada”, disse 50 volts. Foram falar com seus superiores:

O supervisor perguntou se a comida não andava boa, se a gente queria mais café no serviço, e eu só dizendo que a gente só queria a conta pra sumir dali, e o 50 Volts repetindo que não era bicho pra trabalhar daquele jeito. O cara de terno botou a mão na cintura e o paletó abriu na frente, apareceu um .38 enfiado na cinta [...] mas o cara do .38 achou que era melhor a gente mostrar boa vontade voltando direto pro batente, então joguei um balde d’água na cabeça e voltei. (PELLEGRINI 1977, p. 108).

O final do conto é extremamente marcante e valoriza muito a percepção e a vivência dos personagens quando mostra a preocupação do personagem principal com seu alicate que no final do trabalho na ponte, percebeu que havia perdido. Os trabalhadores foram levados pra uma praia, ao tirar a roupa, o personagem percebe sua perda de grande valor sentimental, pois, esse alicate tinha acompanhado

o trabalhador em várias obras. A maneira como o autor deixa o leitor tocado através das vivências simples do dia a dia detalhadas, humaniza o leitor e o transporta para o lugar onde se encontram os personagens. Destacam-se os seguintes trechos:

Apearam a gente numa praia, todo mundo caiu na água de calça arregaçada, de cueca, sabonete, cada um mais barbudo que o outro[...] Eu nunca tinha entrado no mar na minha vida, nem entrei. Fiquei fuçando a perua atrás do alicate, o pessoal voltou e se trocou, eu continuei fedendo. [...] Às 11 da manhã a gente apeava num restaurante na beira de uma praia. Feijoada. Não sei se era feijoada, mas era sábado – com pinga e limão, cerveja e mais feijoada. Quando a pinga bateu na cabeça, o cansaço virou uma alegria besta, deu uma zoeira que até esqueci do sono, do alicate, da sujeira. Tinha peão ali que não conhecia o nome dos outros, tinha um que cantava xaxado, baião, essas coisas, e o paraibano coxo acompanhava dançando corta-jaca, batendo os pés certinho no ritmo.(PELLEGRINI, 1977, p. 110)

O conto termina com o narrador acordando em um alojamento e entrando na perua para mais um dia de trabalho. O autor nos mostra como os trabalhadores se alienam, como percebem sua situação, se revoltam, mas continuam ali, pois é a única alternativa de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses trechos analisados dos contos nos mostram como o conceito de região da Geografia Humanista está presente nessa obra de cunho regionalista de Pellegrini. A literatura regional também é carregada de intencionalidades, e é nessa perspectiva que o autor tenta, por meio das entrelinhas, passar uma mensagem como escritor militante. É através da linguagem bivocal, das experiências vividas pelos personagens e das metáforas interpretadas pelos leitores que ele passa sua mensagem. Nos contos “Carlitos perdeu a graça” e “A maior ponte do mundo” se expressam muito bem esses elementos quando percebemos as interpretações possíveis ao longo da leitura e como os personagens modificam seu olhar geográfico, fazendo com que o leitor também modifique.

Elementos importantes para identificação do conceito de região da Geografia Humanista é o comportamento geográfico, junto com os sentimentos e ideias a respeito do espaço e lugar, que estão muito presentes em ambos os contos, passando uma forte presença da cultura dos personagens como influenciadora de suas ideias, sentimentos e vontades que conseqüentemente são influenciadas e influenciam o espaço geográfico.

O discurso literário transporta o leitor para a temporalidade que se pauta os acontecimentos literários e mostram o elo de ligação dos personagens com o lugar, transportando esse conhecimento para outras escalas. Ao ler os contos analisados, o leitor ultrapassa fronteira do conhecimento, alcançando a sensibilidade que é desconsiderada no interior da racionalidade científica e promove um salto mais elevado na apreensão e análise crítica do espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

ANTONELLO, I.T. **O olhar geográfico na interioridade do olhar sensível da obra literária.** Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina, 2005.

BEZZI, M.L. **Região: desafios e embates contemporâneos.** SEI-Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia.(Org.). Desigualdades Regionais-Série Estudos e Pesquisas. Salvador, 2004.

CÂNDIDO, A. **O direito à literatura.** In: Vários escritos 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

GREGÓRIO, R.M. **Uma leitura intertextual de O Homem Vermelho.** UFSC, 1989.

PELLEGRINI, D. **O homem vermelho.** Editora civilização brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1977.

REICHWALD, G. Jr. **Leitura e escrita na geografia ontem e hoje.** In: KLÜSENER, R; NEVES, I.C.B; SOUZA, J.V; SHAFFER, N.O (Orgs) Ler e escrever compromisso de todas as áreas. Porto Alegre:UFRGS,2003.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.